

O devir do pensamento e da ação com a cultura

Ana Paula do Val¹

BARROS, José Marcio; OLIVEIRA, José Junior. (Org). **Pensar e agir com cultura: desafios da gestão cultural**. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011.

O livro *Pensar e agir com cultura: desafios da gestão cultural*, organizado por José Marcio Barros e José Oliveira Junior², através do Observatório da Diversidade Cultural, é fruto do Programa Pensar e Agir com Cultura, que, desde 2003, trabalha com uma rede colaborativa de professores, gestores culturais e pesquisadores. Com parcerias institucionais, organiza seminários, oficinas, o curso Desenvolvimento e Gestão Cultural e publicações. Nesta, na qual depositamos o olhar para uma breve análise, podemos encontrar pertinentes colaborações de especialistas do campo da gestão cultural, além de reflexões que apontam para uma forma muito mais rizomática (expandida em todas as direções e dimensões) de como a gestão cultural pode se apresentar, se potencializada como uma ferramenta de reflexão (avaliar passado-presente) para planejar o futuro, e de ação, para intervir na realidade.

Os temas – diversidade cultural, formação e políticas culturais – são transversais em muitas das reflexões que compõem esta coletânea de dez artigos. Eles apresentam um diverso e multifacetado universo da gestão cultural, em suas fragilidades e virtualidades, que são apontadas nos textos, como demonstrou Isaura Botelho, em seu artigo (*Uma rápida reflexão sobre o MinC entre 2003 e 2011*), sobre as políticas culturais antes do Ministro Gilberto Gil, e uma avaliação do seu mandato, que transformou as políticas culturais em um divisor histórico do Ministério da Cultura.

Compreender este movimento (regressivo e progressivo) da história do MinC, além do processo histórico sobre o conceito de cultura e o contexto em que ela se encontra hoje, é de extrema importância para entendermos os movimentos dialéticos das concepções de cultura que orientaram políticas culturais. São de extrema importância, como parâmetros de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação GPOPAI-USP. E-mail: anapauladoval@usp.br.

² Autores de seis artigos do livro e coordenadores do ODC – Observatório da Diversidade Cultural. Disponível em: www.observatoriodadiversidade.org.br.

comparação entre modelos e práticas, não para reproduzi-los, mas como referência de análise e como possibilidades de superá-las para atender de forma mais profunda e capilarizada às diversas singularidades da cultura.

O pensar na gestão da cultura desvela-se em todos os artigos, como condição inerente e indissociável para se obter um agir coerente, empoderador e emancipador. Sem a reflexão, não há o agir, que emerge do impossível para o plano do possível (romper com posturas elitistas da cultura), o utópico que pode permitir reconstruir o tecido sociocultural esgarçado pela cisão centro-periferia. Isso tende a acontecer através do fortalecimento dos trabalhos locais e de uma gestão participativa que inclua a pluralidade de vozes e de tipologias de gestão da cultura. Além de processos de formação e trabalhos colaborativos em rede, tendo a diversidade cultural como eixo estruturante do *Pensar e Agir com a Cultura*, que deve dialogar com a produção simbólica em sua dimensão política, social e econômica. Por fim, não se pode esquecer que todas devem contribuir ao desenvolvimento humano, à dinamização da criatividade, à pluralização e à hibridação de identidades, que compõem as complexas sociedades contemporâneas.

Hoje essas sociedades passam por uma transição de suportes, em que a relação entre espaço e tempo se lança a processos de transformação, causando um abreviamento do esquema espaço-temporal, em detrimento de novas formas de comunicação possibilitadas pelas tecnologias. Essas que constroem territórios virtuais e ampliam de forma rizomática e não hierarquizada as novas relações de trabalho. O local e o virtual tornam-se aliados para enraizar parcerias com a realidade, sendo assim, os diagnósticos, os mapeamentos e o planejamento são as ferramentas de zoom para ampliar o que está sem visibilidade e iluminar o que está opaco, em um movimento diacrônico-sincrônico do próximo (local) – distante (global).

Como ler e intervir na realidade de forma democrática e participativa? A resposta encontrada nos discursos dos diversos autores é a formação (processual e duradoura), a sensibilização e a capacitação de gestores culturais (setor público e privado) para atuar em uma condição de promotores de ações que fomentem o desenvolvimento humano, o fortalecimento e a preservação da diversidade cultural e a sustentabilidade. Esta formação pode ser lida em três chaves de interação com a gestão cultural: a primeira – políticas

culturais (sociedade civil, Estado e mercado); a segunda – gestor cultural (local-global, demanda por dados, codificação de padrões culturais); e a terceira – produção de dados (percepção realidade). Portanto, temos um ciclo que se retroalimenta em um movimento de interdependência entre esta tríade – políticas culturais / gestor cultural / produção de dados – que se apresenta como o grande desafio para se pensar e agir na gestão cultural.

Sendo assim, para que a gestão cultural avance, é necessário entender que a formação é assunto crucial, pois é ela que dará a aderência para que se tenham gestores qualificados para o diálogo com o diverso; que sejam sensíveis às distintas demandas, em suas escalas (municipais, regionais, estaduais, nacionais e transnacionais); que tenham conhecimento da máquina burocrática do Estado (procedimentos administrativos); que saibam demandar por pesquisas e diagnósticos para codificar e decodificar a realidade, sem correr o risco de equívocos; e, por fim, que possam ampliar e qualificar as políticas culturais, de forma democrática e igualitária, não deixando de lado a importância da identidade e, com isso, extinguindo assimetrias nos meios de financiamento, produção, difusão e fruição culturais.

O que não se pode deixar de lado, neste sentido, são as diversas formas de gestão cultural e comunitária, que movimentos culturais, sobretudo os de cultura periférica, têm desenvolvido de modo muito criativo pelas cidades. Os processos criativos e cognitivos, aliados às dinâmicas de trabalho colaborativo e em rede têm possibilitado a criação de arranjos locais extremamente interessantes e significativos, quando pensados em sua articulação com o território e seus impactos locais. São arranjos que lidam com as dimensões econômicas, em um complexo sistema de financiamentos, como bancos comunitários, moedas culturais, marcas de identidade, entre outros, e que parecem indicar para possibilidades mais integradoras e horizontais de gestão.

Diante da complexidade de pensar a gestão cultural, este livro organiza, de forma coerente e generosa, diversos olhares e elementos sobre o assunto, segundo seus modelos de concepção (teorias) e implementação (metodologias). Entretanto, a sua grande contribuição está em não determinar formas, mas, sim, indicar caminhos possíveis de se trilhar a giza das experiências e reflexões apresentadas pelos autores. Enfim, um mergulho na complexa condição de se *Pensar e agir com cultura*.